

Poemas da Literatura Brasileira

Sarah_Ceeps Tancredo

Neves_NTE25

Século XVI: Quinhentismo

_ Pe. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo
aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.
- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?
- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal
me fez o teu pecado.

Século XVII: Barroco

_Gregório de Matos

SONETO VII

Ardor em firme coração nascido! Pranto por belos
olhos derramado! Incêndio em mares de água
disfarçado! Rio de neve em fogo convertido!

Tu, que em um peito abrasas escondido, (*?) Tu,
que em ímpeto abrasas escondido, Tu, que em um
rosto corres desatado, Quando fogo em cristais
aprisionado, Quando cristal em chamas derretido.

Se és fogo como passas brandamente? Se és neve,
como queimas com porfia? Mas ai! Que andou Amor
em ti prudente.

Pois para temperar a tirania, Como quis, que aqui
fosse a neve ardente, Permitiu, parecesse a chama
fria.

Século XVIII: Arcadismo ou Neoclassicismo

_Manoel Maria

Se é Doce

Du bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis
amadores, Seus versos modulando e seus ardores
Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados Pela quadra
gentil, de Amor querida, Que esperta os corações,
floreia os prados,

Mais doce é ver-te de meus ais vencida, Dar-me em
teus brandos olhos desmaiados. Morte, morte de
amor, melhor que a vida.

Primeira Metade do Século XIX: Romantismo

_Álvares Azevedo

Se Eu Morresse Amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus
olhos minha triste irmã, Minha mãe de saudades
morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória
pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que
manhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu
morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce
n'alva Acorda ti natureza mais louçã! Não me batera
tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas
essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o
dolorido afã... A dor no peito emudecera ao menos Se
eu morresse amanhã!

Segunda Metade do Século XIX: Realismo / Naturalismo

_Machado de Assis

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, a força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser!

Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.

Fins do Século XIX: Parnasianismo e Simbolismo

_Alberto de Oliveira

Vaso Chinês

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o, Casualmente, uma vez, de um perfumado Contador sobre o mármore lúcido, Entre um leque e o começo de um bordado. Fino artista chinês, enamorado, Nele pusera o coração doentio Em rubras flores de um sutil lavrado, Na tinta ardente, de um calor sombrio. Mas, talvez por contraste à desventura, Quem o sabe?... de um velho mandarim Também lá estava a singular figura. Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a, Sentia um não sei quê com aquele chim De olhos cortados à feição de amêndoa.

Primeiras décadas do Século XX: Pré-Modernismo

_Augusto dos Anjos

Psicologia de um Vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco, Monstro de
escuridão e rutilância, Sofro, desde a epigênese da
infância, A influência má dos signos do zodíaco.

Prof

undissimamente hipocondríaco, Este ambiente me
causa repugnância... Sobe-me à boca uma ânsia
análoga à ânsia Que se escapa da boca de um
cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas — Que o
sangue podre das carnificinas Come, e à vida em geral
declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los, E há-de
deixar-me apenas os cabelos, Na frialdade inorgânica
da terra!

1922 a 1930: Modernismo

_Manoel Bandeira

Brisa

Vamos viver no Nordeste, Anarina. Deixarei aqui meus amigos, meus livros, minhas riquezas, minha vergonha. Deixaras aqui tua filha, tua avó, teu marido, teu amante.

Aqui faz muito calor. No Nordeste faz calor também. Mas lá tem brisa: Vamos viver de brisa, Anarina.

1930 a 1945: 2ª Fase do Modernismo ou Neorrealismo

_João José Cochofel

Pórtico

Outros serão os poetas da força e da ousadia. Para mim - ficará a delicadeza dos instantes que fogem a inutilidade das lágrimas que rolam a alegria sem motivo duma manhã de sol o encantamento das tardes mornas a calma dos beijos longos. (Um ócio grande. Morre tudo dum morrer suave e brando... Que os outros fiquem com o seu fel as suas imprecações o seu sarcasmo. Para mim será esta melancolia mansa que me é dada pela certeza de saber que a culpa é sempre minha se as lágrimas correm ...